

## A POÉTICA DE PHILIP-LORCA DICORCIA

**Flávio Michelazzo Amorim Júnior (acadêmico/UFPel)**

flaviomichelazzo@outlook.com

**Juliana Corrêa Hermes Angeli (orientadora/UFPel)**

julianaangeli@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir o trabalho do fotógrafo Philip-Lorca diCorcia (1951 - ), mestre em Artes pela Universidade de Yale (1979). Além do levantamento biográfico do artista, foi feito um apanhado de sua produção. Primeiramente tratamos da série *Hustlers* (1990-1992), na qual diCorcia fotografou diversos garotos de programa que perambulavam à margem da sociedade de Los Angeles. Em um segundo momento, abordamos as séries de fotografias obtidas no cotidiano urbano e que mesclam a espontaneidade dos fotografados – que desconheciam estar na mira da objetiva –, através de suas duas séries na rua, *Streetworks* (1993 – 1997), que mostra os transeuntes de vários lugares do mundo, e a dramaticidade dada pela luz na série *Heads* (2001). DiCorcia tem fotos em acervos de importantes museus e galerias do mundo, como, por exemplo, MoMA, Georges Pompidou e Tate Gallery.

**Palavras-chave:** Philip-Lorca diCorcia; Fotografia; Arte Contemporânea; Cotidiano; Retrato.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir o trabalho do fotógrafo Philip-Lorca diCorcia (1953 - ), mestre em Artes pela Universidade de Yale (1979). Além do levantamento biográfico do artista, que contempla suas primeiras relações com a fotografia, o ingresso na universidade e sua carreira, foi feito um apanhado de sua produção, tratando de três séries fotográficas relevantes em sua biografia profissional. Primeiramente tratamos da série *Hustlers* (1990-1992), na qual diCorcia fotografou diversos garotos de programa que perambulavam à margem da sociedade de Los Angeles, numa época em que o preconceito imperava nos Estados Unidos, devido ao avanço da AIDS. Em um segundo momento, abordamos as séries de fotografias obtidas no cotidiano urbano e que mesclam a espontaneidade dos fotografados – que desconheciam estar na mira da objetiva – com o tratamento diferenciado que ele aplica nas imagens, através de suas duas séries na rua, *Streetworks* (1993 – 1997), que mostra

os transeuntes de vários lugares do mundo, enaltecendo o cotidiano urbano e o mover dos transeuntes, e a dramaticidade dada pela luz na série *Heads* (2001), cujo isolamento das figuras pelo uso de uma luz estroboscópica lembra as pinturas do pintor Caravaggio. DiCorcia tem fotos em acervos de importantes museus e galerias do mundo, como, por exemplo, MoMA, Georges Pompidou e Tate Gallery e atualmente é crítico sênior da Universidade de Yale, na qual também ministra cursos de fotografia.

## BIOGRAFIA

O fotógrafo Philip-Lorca diCorcia nasceu em Hatford, Connecticut, nos Estados Unidos, em 1953. Estudou fotografia na Universidade de Hatford nos anos 70, posteriormente, graduou-se em 1975 na Escola do Museu de Belas Artes de Boston, onde também obteve sua pós-graduação, em 1976, e obteve o mestrado em Belas Artes na Universidade de Yale, em 1979. Trabalhou como fotógrafo comercial na década de 1980, realizando trabalhos para publicações como a *Esquire*, *The New York Times Magazine* e *Harpers Bazaar* (PHILIP-LORCA..., 2015). Na época da universidade, foi o primeiro a trabalhar com fotos coloridas, com o intuito de oferecer um material genérico, que não tivesse características que atendessem aos requisitos dos conceitos de fotografia de arte da época, tanto que quando chegou a Yale, o laboratório não oferecia condições para a revelação de filmes coloridos (HOW THE..., 2014).

É tido como um dos fotógrafos mais influentes e inovadores da atualidade, ao realizar fotografias que transitam entre o documental e o teatral, e integram o acervo de coleções públicas como o Centro Georges Pompidou, Paris; Museu de Arte de Cincinnati, Ohio; Los Angeles County Museum of Art; O Metropolitan Museum of Art, Nova York; Museu de Arte de Milwaukee, Wisconsin; Museu de Arte Moderna de Fort Worth, Texas; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid; Museu de Arte Contemporânea, Los Angeles; Museum De Pont, Tilburg, Países Baixos; O Museu de Arte Moderna de Nova York; National Gallery of Art, Washington, DC; Museu de Arte Moderna de São Francisco; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York; Tate Gallery, de Londres; Victoria & Albert Museum, Londres; e do Museu Whitney de Arte Americana, Nova York. Vive e trabalha em Nova York (PHILIP-LORCA..., 2015).

## Série Hustlers (1990 – 1992)



**Figura 1:** Na imagem à esquerda, Roy, 20 anos, Los Angeles, Califórnia, US\$ 30, 1990 – 1992. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** theguardian.co.uk. **Figura 2:** Na imagem à direita, Ralph Smith, 21 anos, Fort Lauderdale, Florida, US \$ 25, 1990 – 1992. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** theguardian.co.uk.

Hustlers foi a primeira série artística coesa de Philip-Lorca diCorcia (TRADE:..., 2013). Contemplado com bolsa pela National Endowment of Arts (NEA), num valor de US\$ 45.000,00, o trabalho gerou controvérsias e polêmica, em uma época que partidários conservadores e simpatizantes de extrema-direita dos Estados Unidos na era pós-Reagan questionavam a concessões destas bolsas para artistas como Robert Mapplethorpe, André Serrano e Karen Finley. A agência de fomento foi acusada, por financiar estes artistas, de estimular a homossexualidade, a obscenidade e o ataque ao cristianismo. O trabalho do fotógrafo consiste em retratos de garotos de programa que circulam pela Santa Monica Boulevard, em Los Angeles. DiCorcia contactava seus modelos nas ruas e os levava para quartos de motéis, pagando-lhes o preço que cobravam por uma noite de sexo. Oportunamente, estudava a luz dos ambientes, antes de levar os rapazes para os quartos, o que garantia potência e sucesso no resultado final. Os garotos das imagens vinham das mais diversas áreas do país, atraídos pelo sonho hollywoodiano. O título das fotos é dado pelo nome – ou pseudônimo – do garoto de programa, idade, local de origem e valor cobrado por programa (RICHARD KERN..., 2013). Durante a execução desta série, diCorcia sentiu a necessidade de sair do ambiente do quarto de motel, e passou a fotografar os garotos nas ruas. Muitos jovens ficavam melindrados com a proposta, e a rua eliminou parte destes problemas iniciais, que incluíam, também, problemas com a gerência dos motéis (HOW THE..., 2014).

DiCorcia fez cinco viagens para Los Angeles para estudar meticulosamente a luz antes de realizar as fotografias, que evidenciam o lado sombrio de Hollywood. O trabalho é tido também como uma resposta ao conservadorismo que imperava nos Estados Unidos nesta época, fazendo, inclusive, que o governo vigente na época em que as fotos foram feitas condenasse oficialmente a homossexualidade por causa da AIDS. O fotógrafo dedicou a série a seu irmão, Max Pestalozzi diCorcia, que morreu em decorrência de complicações do vírus da AIDS em 1988. O poder das imagens está na captação da indignação diante destes movimentos conservadores. Ao fundir as figuras melancólicas dos garotos de programa com as técnicas mais elaboradas da fotografia documental, diCorcia é definido por Peter Galassi, ex-curador-chefe do MoMA – local

onde a série foi exibida na primeira exposição individual do fotógrafo, *Strangers*, em 1993 –, como “capaz de operar no espaço entre a ficção pós moderna e o espaço documentário” (TRADE:..., 2013).

### Série Streetworks (1993 – 1999)

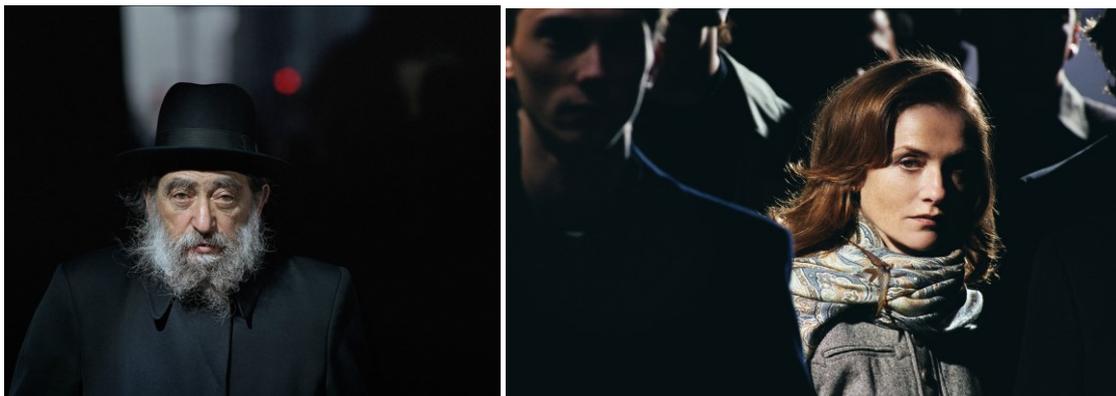


**Figura 3:** Nova York, 1998. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** peterbaker.org.  
**Figura 4:** Na imagem à direita, Tóquio, 1998. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** peterbaker.org.

Partindo da premissa da rua como local de registro, e instigado pela questão de que se é realmente possível captar a realidade através da fotografia, iniciada durante *Hustlers*, diCorcia deu origem à série *Streetworks*, na qual fotografou os transeuntes das ruas de diversas cidades do planeta, como Nova York, Londres, Hong Kong, Tóquio, Los Angeles e Cidade do México, em seu cotidiano banal: ida ao supermercado, ao trabalho, escola, ou no caminho para a casa. Sem a suspeita de que estão sendo registradas, as pessoas sofrem o congelamento do tempo através destas imagens capturadas com a câmera escondida, efetuando disparos oportunos, reinventando o momento do acaso, tradicional em fotógrafos como Walker Evans e Diane Arbus, trazendo-o para o presente (EXHIBITION:..., 2014). Para reforçar a postura individual dos passantes, colocou luzes escondidas nas ruas, garantindo maior dramaticidade no resultado final da captura do momento fugaz (STREET..., 2010).

Ao refletir sobre este trabalho, o fotógrafo diz que a imagem cria um análogo da realidade, não um espelho dela, ao fabricar, dentro de seu retângulo, outro mundo. As expressões absortas dos transeuntes nas mais diversas cidades do mundo se repetiram, o que o fez concluir que a vida urbana é alienante, e que as pessoas parecem não saber o que está acontecendo ao redor delas, ao criar barreiras invisíveis em seu entorno, que podem ser percebidas pelo olhar que trazem em seus rostos. A rua talvez as induza a recolherem-se em si mesmos, abandonando a autoconsciência, com o corpo voltado para fora e os olhos voltados para dentro (PETER..., 2012).

## Série Heads (2000 – 2001)



**Figura 5:** Na imagen à esquerda, Head#13, 2000 - 2001. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** americansuburbx.com. **Figura 6:** Na imagem à direita, Head#4, 2000 - 2001. Fotografia: Philip-Lorca diCorcia. **Fonte:** artspace.com.

Após a experiência em *Streetworks*, Philip-Lorca diCorcia deu continuidade ao seu registro fotográfico do cotidiano urbano, desta vez, se valendo de um sofisticado e meticuloso estudo de iluminação para a captura de seus retratos, desta vez, eliminando o contexto da rua através da luz que banha os modelos. Para criar este efeito, utilizou uma luz estroboscópica em uma câmera posicionada em um andaime. Um ponto marcado no chão em X na Times Square fazia a câmera disparar, permitindo a obtenção das imagens dos passantes (*STREET...*, 2010).

Nesta série, foram realizadas mais de três mil fotografias. A cabeça do indivíduo é centralizada pela luz, que faz com que o foco fique nele, deixando um fundo sombrio em seu entorno (*EXHIBITION...*, 2014), fazendo com que o modelo atingido pela luz pareça estar em um palco, numa gravidade barroca que lembra o trabalho do pintor Caravaggio. A câmera absorve o olhar ou o pensamento distraído do passante que desconhece a presença do aparelho. A imagem em si é mais simples que na série anterior, porém, a carga dramática aumenta potencialmente, criando intimidade entre figura e observador. As expressões de indiferença das pessoas acabam ganhando um aspecto extremamente tocante (*ART IN...*, 2001).

## CONCLUSÃO

As fotografias da série *Hustlers* geraram um debate acadêmico sobre a fotografia como representação fiável da realidade, por serem encenadas, numa época que a fotografia ressurgia no mundo da arte como arte. DiCorcia respondeu a este debate com as séries *Streetworks* e *Heads*, ao registrar as pessoas sem que elas soubessem (*RICHARD...*, 2013). Isso acabou lhe gerando um processo. Um dos passantes da série *Heads*, Erno Nussenzweig se sentiu extremamente invadido ao ver sua imagem em um catálogo, sendo comercializada, e isto feriu, segundo ele suas convicções religiosas judaico hassídicas. Nussenzweig acabou perdendo o processo em terceira instância, pois o juiz reconheceu o trabalho de diCorcia como arte (*STREET...*, 2010).

Segundo Juliana Angeli, a forma como diCorcia subverte o retrato fotográfico ao intitular as fotos de Hustlers com os nomes, idades e origens dos garotos de programa, possibilitando individualização ao retratado num caráter entre o policial e o sociológico, enquanto que em Heads, ao destacar o indivíduo da multidão, individualiza-o, porém, devolve ao anonimato, ao nomear as fotos com números, apontando para a impessoalidade contida no contexto social das cidades, o que acaba ocasionando essa sensação de ansiedade e absorção do que acontece ao nosso redor (ANGELI, p. 90), criando o cenário para que o fotógrafo realize seu trabalho. DiCorcia é descrito por David Zwirner como um dos fotógrafos mais influentes e inovadores da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

### Dissertações

ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. **PERCURSOS URBANOS: Novos Olhares na Arte Contemporânea**. Porto Alegre: UFRGS: 2007. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Porto Alegre.

### Internet

ART in Review; Philip-Lorca diCorcia – ‘Heads’. Disponível em <http://www.nytimes.com/2001/09/14/arts/art-in-review-philip-lorca-dicorcia-heads.html>. Acesso em 20 nov. 2015

EXHIBITION: ‘Philip-Lorca diCorcia: Photographs 1975 – 2012’ at the De Pont Museum of Contemporary Art, Tilburg. Disponível em <http://artblart.com/2014/01/15/exhibition-philip-lorca-dicorcia-photographs-1975-2012-at-the-de-pont-museum-of-contemporary-art-tilburg/>. Acesso em 09 nov. 2015.

HOW the câmera saved the photographer Philip-Lorca diCorcia. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/culture/photography/10602637/How-the-camera-saved-the-photographer-Philip-Lorca-diCorcia.html> . Acesso em 16 nov. 2015.

PETER Baker | Reflections on Streetwork. Disponível em <http://peterbaker.org/reflections-on-streetwork/> . Acesso em 10 nov. 2015

PHILIP-Lorca diCorcia/Biography. Disponível em <http://www.artnet.com/artists/philip-lorca-dicorcia/biography>. Acesso em 13 nov. 2015.

PHILIP-Lorca diCorcia/Biography. Disponível em <http://www.davidzwirner.com/artists/philip-lorca-dicorcia/biography/>. Acesso em 13 nov. 2015.

STREET Level: Intersections of Art And The Law Philip-Lorca Dicorcia’s “Heads” Project And Nussenzweig V. Dicorcia. Disponível em <http://www.gnovisjournal.org/2010/04/25/street-level-intersections-art-and-law-philip-lorca-dicorcias-heads-project-and-nussenzweig/>. Acesso em 08 nov. 2015.

TRADE: Philip-Lorca diCorcia's Hollywood Hustlers. Disponível em <http://time.com/3803327/trade-philip-lorca-dicorcias-hollywood-hustlers-drug-addicts-and-drifters/> . Acesso em 12 nov. 2015